



**O silêncio nos morros: relações de sentido silenciadas presentes nos livros *Abusado* e *Cidade Partida***

The silence in the hills: sense relations silenced in such books *Abusado* and *Cidade Partida*

Felipe Rodrigues\*

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar o desvelamento de novos sentidos discursivos presentes nos morros do Rio de Janeiro. A análise faz uso dos preceitos da Análise do Discurso, que concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Os livros, *Abusado* e *Cidade Partida*, trabalham com diferentes atores envolvidos no fenômeno da violência, desvelando sentidos, apontando contradições, complexificando conceitos. A teia de relações sociais que resultam em fenômenos como a violência é buscada nos dois livros, embora ambos não se proponham a ser conclusivos. Nos livros, há uma ruptura com sentidos já consagrados pelo discurso comum que permeia a produção comunicacional dos grandes meios de comunicação.

**Palavras chave:** jornalismo, literatura, violência, livro-reportagem

**Abstract**

This paper analyzes the plurality present in journalistic work in books-report. The analysis encompasses the book *Abusado* by Caco BARCELLOS (2004), and *Cidade Partida* Zuenir VENTURA (1995). The idea is show the possibilities of covering violence in the country in a less simplistic and more human way. Reports that can escape from the stereotypes, giving voice to the unknown "other" that is present in the slums. The discursive production on the hills forms a kind of marginal ethics, silenced by the mainstream media. That situation avoid that people can look into the contradictory effects present in the production of meanings and the relationship between saying and no-saying.

**Key-words:** journalism, literature, violence, reporting-book

---

\* Felipe Rodrigues é jornalista, mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo) e IEL (Instituto de Estudos da Linguagem). Este texto resulta de análises feitas em sua dissertação de mestrado *Livro-reportagem: uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil*, orientada por Eni P. Orlandi e já defendida. E-mail: [far.jornal@uol.com.br](mailto:far.jornal@uol.com.br). Endereço Rua Francisco Correa de Barros, 110. CEP 13390-000. Rio das Pedras - SP

## Introdução

O jornalismo contemporâneo é caracterizado por um processo industrial que, via de regra, impossibilita uma abordagem mais ampla das questões. Os relatos dos fatos aparecem em técnicas padronizadas que privilegiam respostas a perguntas básicas, buscando legitimidade nas declarações e fontes oficiais que aparecem nas linhas e imagens das notícias.

Notícias, reportagens e artigos passam a não mostrar a riqueza discursiva, conflitos sociais e personagens inseridos dentro do universo da violência nos morros cariocas. As coberturas da grande imprensa deixam de apresentar personagens, situações, antecedentes, conseqüências e interligações entre diversos fenômenos. No lugar, observa-se uma exaltação das qualidades dos meios de comunicação, com produções jornalísticas que refletem a ordem vigente, ao invés de colaborarem na apresentação ou denúncias de fenômenos sociais.

Embora existam exceções na mídia, o que acontece, predominantemente, é uma busca por atualizações cada vez mais momentâneas, notícias cada vez mais atraentes e um objetivo maior de superação da concorrência. Não há uma possibilidade de compreender as realidades sociais com mais complexidade, de forma pluralista, pois a rotina industrial dos meios de comunicação desestimula uma busca mais aprofundada dos repórteres na elaboração das produções jornalísticas. As reportagens passam a responder apenas a perguntas básicas às quais o receptor deve entender e dificulta o discernimento do caos social.

Proliferam-se produções impessoais, incapazes de auxiliar a compreensão dos fatos. As empresas jornalísticas, preocupadas com o desempenho comercial, atestam a incapacidade do jornalismo em tratar do cotidiano e mostrar histórias e personagens que possam ajudar na construção discursiva do “outro”. O empresário de comunicação distorce e manipula para agradar seus consumidores e, assim, vender mais material de comunicação e aumentar seus lucros. Embora a responsabilidade seja do próprio empresário, as suas motivações são predominantemente econômicas (ABRAMO, 1996).

Ao cobrir a violência, percebe-se que a mídia esquece diversas realidades e hierarquiza a produção jornalística conforme o grau de peculiaridade dos eventos. Locais sem um adicional simbólico não são capazes de fazer com que seus acontecimentos sejam bem situados, destacando seus aspectos multifacetados. Periferias que têm percentuais altos de violência só são objetos de cobertura jornalística quando

têm acontecimentos mais sensacionais, como grande número de mortos ou mudança no comando de uma favela. Os diversos pontos de vista dificilmente são escutados e, geralmente, apenas fontes oficiais e boletins de ocorrência são privilegiados no relato dos fatos.

Quando se fala em violência, a mídia também representa um determinado modo de produção discursiva, com seus estilos narrativos e suas rotinas próprias, que estabelecem alguns sentidos, com a apreensão e relato dos fatos. “A maior relação entre os meios de comunicação e a violência está na forma como o sistema de comunicação se articula com as condições de vida da população” (SODRÉ, 2002, p. 37). Por isso, a violência aparece como força mobilizadora e fundadora; expressa conflitos, dá visibilidade a questões sociais ou políticas latentes, provoca a produção de sentidos em diversas instâncias discursivas e aciona práticas institucionais e políticas (RONDELLI, 2000).

Os meios constituem um campo, o lugar onde se dá visibilidade aos diversos discursos e onde cada um destes se articula, não só com o discurso mediático, mas com os outros discursos presentes neste espaço de mediação. Assim, há um discurso político, religioso, jurídico, médico se articulando ao e no campo mediático. Este, por sua vez, não só os recodifica como os processa de modo intertextual, relacionando cada discurso com o outro, e todos eles com o discurso da mídia, advindo, deste entrelaçamento, ou intertextualidade, a produção de sentidos. (RONDELLI, 2000, p. 153)

A isso, em análise de discurso, chamamos “relação de sentidos”, ou seja, não há sentidos que se constituem isoladamente, eles estão em constante relação. Mais ainda, são sempre postos em relação sob os efeitos de uma outra relação igualmente importante: a relação de forças, que, na análise de discurso, indica que os lugares sociais, com seus poderes simbolizados, contam na constituição dos sentidos. Os discursos contidos nas reportagens oferecem ao leitor uma antecipação de interpretações e sentidos sobre o mundo e as situações de violência, influenciam sua percepção dos sentidos e restringem sua capacidade de elaboração de significados. Ou seja, quando se trata da violência significada pela mídia, ficamos no imaginário da violência, e não tocamos seu real.

A partir daí, o que se observa, via mídia, é uma violência banalizada, repetitiva (por isso corriqueira) e trivial, além da violência policial praticada de forma ilegal ou ilegítima. Pela mídia, a violência é transmitida de forma difusa e desordenada, com a diluição das causas que a provocam. Pela forma como é mostrado, como simples fenômeno de agressão física, sem ser encarado como linguagem, em seus processos de significação dos sujeitos, da sociedade e da história, o “retrato” da violência leva as

peças a abandonarem as ruas, suprimindo a participação neste espaço público. Mostra-se o produto e não se faz pensar o processo de produção da violência com todos seus complexos ingredientes. Mais um elemento para a diluição (ORLANDI, 2010) do lugar do Estado na relação com a sociedade.

Este artigo aborda a Análise do Discurso em dois livros-reportagem e o tratamento extensivo dado pelas obras à questão da violência. *Abusado*, livro-reportagem de Caco Barcellos (2004) e *Cidade Partida*, livro-reportagem de Zuenir Ventura (1995) sobre a Chacina de Vigário Geral e suas consequências, em 1995, são livros que buscam uma abordagem diferenciada da temática da violência e que podem deixar ver diferentes camadas de uma mesma temática. O estudo avalia o que é chamado de deontologia marginal, que é mostrada nos dois livros. O termo se refere a uma ética própria que guia os princípios morais nos morros, destacando a pluralidade da percepção de mundo neste local. Ética que é silenciada pela produção midiática dos meios de comunicação tradicionais.

Parte-se da hipótese de que o livro-reportagem estende a função do jornalismo convencional, comprometido com uma linha de produção de ritmo industrial e voltado ao dia-a-dia. Com uma autonomia maior, o autor pode escolher a abordagem que considera ideal e, assim, conduzir os acontecimentos da maneira que julgar correta, desvelando o silêncio. O livro-reportagem pode conter temas que correspondam com maior fidelidade ao real, com um tratamento textual que sirva de elo entre leitor e mundo.

### **Desvelando o silêncio**

Eni Orlandi (1997) discute as diferentes formas de silêncio das palavras, em que entra em questão o tomar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar. Trata-se aqui do silêncio no sentido constitutivo da linguagem, em que todo dizer cala algum sentido necessariamente. É o silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é o mais importante nunca é dito.

Isso pode ser feito de forma intencional, pela política do silêncio, nesse caso, o silenciamento ou censura, política em que se produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz. É o não-dito necessariamente excluído, quando se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de outra formação

discursiva, uma outra região de sentidos, que talvez não interesse dentro do que se convencionou fazer circular nos meios de comunicação da chamada grande mídia.

Pode-se dizer que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis, com uma contradição implícita nas próprias palavras. Mas, nesta política do silêncio, que é a censura, há uma interdição do dizer, assim como na censura – embora se refira a um campo estritamente discursivo. (ORLANDI, 1997, p. 20).

## Deontologia

A *deontologia marginal*\* vivida nos morros do Rio de Janeiro diz respeito a representações discursivas acerca de um modo de viver diferente, com normas de conduta adotadas por criminosos e a população local dos morros. Trata-se da identificação de uma “lógica” própria que funciona à margem da sociedade e do próprio discurso formado pelo imaginário popular a respeito da vida nos morros cariocas.

Mendigos, pedintes, vagabundos e marginais povoaram historicamente os espaços sociais, constituindo universos estigmatizados através de séculos. As diferentes localidades estabelecem regras próprias de convivência, silenciadas na maioria dos discursos presentes nos meios de comunicação. Há uma ética singular que serve de orientação às atitudes que venham a serem tomadas nos diferentes lugares de uma cidade. Se em zonas nobres as pessoas vivem em condomínios fechados, coberturas de apartamentos ou mansões, nas periferias observa-se uma espécie de deontologia marginal.

As pessoas convivem com normas de conduta ditadas pelos traficantes, donos do morro, muitas vezes considerados o verdadeiro prefeito, dada à distância dos locais em relação ao poder público. Um universo discursivo novo, que faz sentido especial a essas pessoas. O discurso não se trata apenas de transmissão de informação, e também não há linearidade na disposição dos elementos de comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo. A Análise do Discurso vai compreender como os objetos que produzem sentidos, analisando os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no sentido. A Análise do Discurso

---

\* Termo extraído do livro *Cidade Partida*, de Zuenir Ventura (1995)

não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, mecanismos, como parte dos processos de significação (ORLANDI, 1999, p. 20).

Importante destacar que a Análise do Discurso não procura um sentido verdadeiro, através de uma chave de interpretação. Não há uma verdade oculta atrás do texto, mas gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. A análise visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, para produção de novas práticas de leitura.

Quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Todo o dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa, nas palavras dos sujeitos. O analista se propõe a compreender como o político e o linguístico se interrelacionam na constituição dos sujeitos e na produção de sentidos, ideologicamente assinalados. Como o sujeito (e os sentidos), pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente.

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em relações. O interdiscursos disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra, nova. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. (ORLANDI, 1999, p. 22).

O sentido etimológico da palavra *deontologia* faz referência à ciência dos deveres. *Deon*, *Deontos* significa obrigação, dever e *logia* expressa conhecimento, estudo. O conceito *deontologia* foi criado por Jeremy Bentham em sua obra *Deontologia, a ciência da moral*. Para ele, a deontologia se aplica para as condutas dos homens que não estão escritas no Código Civil. Outro filósofo a estudar a deontologia foi Immanuel Kant que diferentemente de Bentham inspirava-se na ideia de imperativo categórico de que uma regra de conduta só pode ser eticamente aceita se for universal, isto é se tiver validade tanto para o agente quanto para todos os outros seres racionais. O ato deve se revestir das características que sejam válidas para todos. Não importam as consequências dos atos e sim sua intencionalidade (BUCCI, 2000, p. 22).

### *Cidade Partida*

Zuenir Ventura (1995) analisou a deontologia marginal que percebeu no morro carioca de Vigário Geral como um sistema de regras totalmente diferente do da cidade. Há uma minoria de traficantes que domina o morro, possuem o poder. O poder militar que eles têm é resultado dos melhores armamentos, além do poder econômico por conta do volume financeiro, cujo maior movimento de dinheiro é do tráfico. E em consequência se tem o poder político também.

Então o que acontecia os bandidos estabeleciam essas regras se você não infringir, se o morador não infringir, não delatar, não desobedecer às leis e prescrições, tudo bem, ele não é incomodado. Então é mais fácil entender isso que a prática da polícia que é o braço da lei. Os caras vão lá fazer cumprir a lei, para proteger o cidadão e você se surpreende às vezes com essa polícia tomando dinheiro, invadindo, tentando violentar menina (VENTURA, 1995).

Não há nos grandes meios de comunicação construções jornalísticas que levem em conta toda esta representação a respeito da violência no próprio morro do Rio de Janeiro. E aí está uma das grandes contribuições da Análise do Discurso, que deve observar os modos de construção do imaginário necessário para concretizar a produção de sentidos. Por não negar a eficácia material do imaginário, a análise torna visíveis os processos de construção de um sentido que, ainda que imaginário, é necessário e indica os modos de existência e de relação com o múltiplo. Sabe-se que essa dispersão dos sentidos e do sujeito é a condição de existência do discurso, mas para que ele funcione, ele toma a aparência da unidade (ORLANDI, 1997, p. 20).

Com a omissão do Estado, chefes do tráfico ganham o respeito da população e também a sua ajuda. Segundo Zuenir Ventura, Flávio Negão diz que a população gosta muito dele. “Lembra que logo depois da chacina mandou repor, na rua principal, as trinta lâmpadas quebradas pela PM” (1995, p. 107). O traficante atua como o homem que representa a lei na favela de Vigário Geral:

Às onze horas, alguém avisa: “Olha lá, os caras já chegaram”. (...) A PM lá em cima como se estivesse numa torre tomando o comando de um campo de concentração, os traficantes ali ao lado do orelhão, armados (...) Todos são revistados ao entrar ou sair. Nessas ocasiões, as agressões policiais são comuns. A adolescente negra, bonitinha, que há pouco interpretava um dos papéis principais na peça do Teatro do Oprimido, foi bolinada na véspera quando era revistada. (VENTURA, 1995, p.65)

Um dia, o Poder Público apareceu na favela e apresentou o plano ao diretor da Escola de Samba local. O prefeito César Maia queria implantar uma experiência inédita em várias comunidades: cursos de dança, de DJs, de coreografia para funkeiros. Por interferência de Manoel, representante do poder público, Vigário Geral e Parada de Lucas foram incluídos no projeto. Ari da Ilha não fora avisado antes e, quando os três homens da prefeitura lhe explicaram o plano, ele disse:

- Tá bom, vou consultar o *Homem* e depois dou a resposta. Por inabilidade ou desinformação, os funcionários públicos se impacientaram:
- Que homem?! O prefeito já autorizou o plano. Seu Ari olhou para os três, e dessa vez falou pausado, ele que fala aos trambolhões:
- O prefeito de vocês é um; o meu é outro. (VENTURA, 1995, 175).

Outro aspecto deste código de ética foi percebido logo por Zuenir Ventura quando esqueceu o carro aberto no morro e um morador pediu que ele ficasse tranqüilo porque ali ninguém roubava. Durante a entrevista com Flávio Negrão trouxe esse episódio para a conversa e este foi categórico em dizer:

- [...] - Ninguém mexe não. Da localidade, ninguém mexe. E de fora também não. Porque eles sabem como é que a gente é. Tem umas duas semanas roubaram da minha Kombi. Mas quem que foi? Foi polícia que roubou, o vigia viu. Quebraram o vidro e apanharam o rádio. O pobrema é a polícia. (VENTURA, 1995, p. 206).

Há uma série de efeitos de sentido aí trabalhando, todos silenciados pelo discurso dominante nos meios de comunicação. Falar em efeitos de sentido, aliás, é aceitar que está sempre neste jogo, na relação destas diferentes formações discursivas (retiradas do silêncio pelo trabalho dos livros-reportagem), na relação entre diferentes sentidos. Quando se diz ‘x’, o não-dito ‘y’ permanece como uma relação de sentido, ou seja, a formação discursiva produzida pela grande mídia implica uma outra, ausente, mas explicitada no livro de Zuenir Ventura.

### ***Abusado***

*Abusado* relata diversas singularidades existentes nas relações entre criminosos e/ou sociedade. De maneira mais abrangente, essa deontologia marginal aponta indícios de como funciona a vida nos morros cariocas e do Brasil. São histórias de vida que acentuam as diferenças culturais entre as pessoas do morro e do asfalto. Como exemplo



disso, Caco contextualiza os “mutirões” realizados pelos moradores do bairro de Santa Marta na “arquitetura” do local.

Em 1940, os barracos de Santa Marta abrigavam dezenas de famílias vindas do interior fluminense e também de ex-escravos de Minas Gerais. O Rio de Janeiro tinha então menos de 100 favelas, com cerca de 140 mil pessoas, em sua maioria migrantes. Em 1960, esse número já chegava a perto de um milhão de pessoas.

Os migrantes erguiam seus barracos na parte mais alta dos morros, para fugir da vigilância dos guardas florestais que expulsavam quem derrubasse árvores para construir moradias. A perseguição só acabou quando a Igreja Católica se tornou aliada da favela, com o bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara. O religioso defendia a fixação das favelas, levando os benefícios da urbanização aos seus moradores.

A água potável da rede pública também só chegou à Santa Marta, em 1960, por influência de Dom Hélder Câmara. Ele buscou apoio externo e se envolveu pessoalmente na construção de um reservatório da capela do pico do morro (...) eles participaram do esforço coletivo para carregar o material de construção no ombro e assentar tijolo por tijolo na grande obra do reservatório, uma caixa de alvenaria com capacidade para 200 mil litros d'água (...) Pronto o reservatório, num clima de euforia, os próprios favelados providenciaram a construção de uma rede de distribuição de água pioneira, numa *ação coletiva que envolveu trabalhadores, desocupados, malandros e bandidos na obra de maior orgulho da história de Santa Marta* (grifos nossos). (BARCELLOS, 2004, p. 67)

Além da influência da Igreja na construção do local, a citação mostra a solidariedade em nome de um bem comum: a melhoria da favela. Integrantes do tráfico e população local se aproximam para tornar o lugar, em que moram, mais agradável. A falta de políticas públicas e a consciência de que uma mobilização é necessária fazem com que os criminosos do local tratem os demais como iguais. Nesse caso, a deontologia marginal não interfere no andamento de melhorias da favela.

No morro do Santa Marta, havia os chamados “Tribunais de Sangue”, em que os bandidos donos do morro decidiam o destino de pessoas em julgamentos que culminam muitas vezes com execuções sumárias. São esses tribunais que ajudaram a consolidar, pelo medo, o poder do trio (Juliano, Claudinho e o irmão, Raimundinho) na gerência do morro. Foram julgados homens indisciplinados e suspeitos de colaborarem com a polícia (o ódio aos informantes pode ser considerada a primeira regra da deontologia marginal) ou com quadrilhas rivais que estavam na mira principalmente de Raimundinho. As sentenças tornaram-se cada vez mais imprevisíveis e cruéis.

Uma implicância sem fundamento ou a necessidade de provar o seu poder de perversidade também eram motivos para Raimundinho multiplicar os tribunais. Ele chegou a executar uma mulher de 50 anos, Irana, apenas para competir com os carrascos do morro Cerro Corá, gerenciado pelo amigo Bruxo, que havia matado uma adolescente chamada Choquita. Raimundinho soube que o corpo dela fora esquartejado em trinta pedaços, postos dentro de uma mala e desovado em um caminho no meio da floresta, ligação do Cerro Corá com a Santa Marta. Dias depois fez a mesma coisa com Irana, que ele alegou ser informante dos inimigos (BARCELLOS, 2004, p. 220).

Deontologia usada para orientação e organização de um grupo de pessoas que não encontram espelho nas normas que a sociedade havia imposto até então. As regras são cumpridas por eles, independente das normas do restante da sociedade. As regras parecem fazer parte da vida deles. Marginal, mas uma deontologia que cumpre o papel de legitimar as ações de um segmento da população. Medo e respeito que fazem com que os moradores sigam as regras e façam com que a deontologia seja respeitada por todos.

### **Considerações finais**

Toda essa produção discursiva significada nos morros é silenciada pela grande mídia. Isso faz com que as pessoas não se debrucem sobre os efeitos contraditórios presentes na produção de sentidos nos morros cariocas. São vozes caladas que têm como efeito uma significação incompreendida, dificultando uma análise mais pluralista a respeito da realidade. A produção discursiva presente nos meios de comunicação faz uso comum dos sentidos presentes nas palavras, reproduzindo o já-dito de forma corriqueira, silenciando outras significações discursivas presentes nas falas dos personagens envolvidos.

Já os livros, *Abusado* e *Cidade Partida*, mostram a temática da violência, tráfico de drogas e crime organizado em uma perspectiva mais abrangente, que procura interligar os diferentes fenômenos da sociedade. O livro-reportagem tem potencial em textualidade para sair da esfera em que se encontra o jornalismo convencional, que pode apresentar trabalhos de qualidade semelhante, mas tem uma atividade diária que precisa se preocupar com prazos, concorrências e representações arbitrárias e uma escrita que uniformiza. O formato livro *pode* atingir uma liberdade, uma forma discursiva, que não tem sido conseguida na imprensa cotidiana contemporânea. Grandes reportagens

investigativas e interpretativas, quase inexistentes nos grandes meios de comunicação, podem encontrar nos livros o seu espaço de significação (LIMA, 1995).

É nessa produção jornalística que se podem observar algumas das características presentes na Análise do Discurso, entendida como um efeito de sentido, como Orlandi explica, “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (1999, p. 15). Os discursos se movem em direção a outros. Uma fala nunca está só, sempre está atravessado por vozes que a antecederam e que mantêm com ela constante duelo, ora a legitimando, ora a confrontando. A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – a relação. Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos, com os quais dialogam. Esses discursos podem estar dispersos pelo tempo e pelo espaço, mas se unem a partir da escolha de um assunto.

Os discursos não revelam verdades, tornam evidentes certos sentidos a partir de um jogo de interpretações, rarefazendo a significação em perspectivas dualistas ou simplificadas. É atrás dessas interpretações que tanto Caco Barcellos como Zuenir Ventura se lançam. Tanto um como o outro, tal qual à sua forma narrativa, buscam dar espaço para essas construções discursivas presentes nas favelas, muitas das quais sem semelhante no mundo “do asfalto”, ausentes de significado para quem desconhece outra forma de interpretar o mundo.

Os livros analisados apresentam temas que procuram contextualizar os fatos. Buscam a veracidade e a verossimilhança dos fatos, sem esquecer o compromisso de se referenciar nas versões apresentadas. O fato nuclear deixa de aparecer sozinho para ser o resultante dos diversos conflitos do qual faz parte – embora não todos. A *captação* é enriquecida por entrevistas que possibilitam enxergar além do padrão (LIMA, 1995, p. 68). Há diversos sentidos presentes nos acontecimentos jornalísticos. Versões e representações de diferentes dimensões sobrepõem-se e interpenetram-se.

Diversas experiências podem ser socializadas. As alteridades sociais podem encontrar espaço em produções que privilegiam a importância dos pequenos movimentos na compreensão da grandiosidade. Há uma construção multifacetada das fontes, com os perfis mais abrangentes, sem a construção de máscaras ou estereótipos. As virtudes e fraquezas de personagens que passam a recordar os diferentes aspectos formadores de uma personalidade.

Com isso, surgem os personagens reais Juliano VP, Flávio Negão, Luz, Caio Ferraz. Fontes que apontam indícios de comportamentos singulares quando

confrontados em situações idênticas. O comportamento dos marginais, as angústias, uma deontologia que rege os hábitos das diferentes pessoas que aparecem nas linhas de *Abusado* e *Cidade Partida*. Uma visão pluridimensional simultânea, em que diferentes pessoas exercem suas práticas e refletem comportamentos humanos existentes em muitos e variados segmentos da sociedade.

O aprofundamento, alargamento de perspectiva possível em livro-reportagem promove a discussão sobre violência em um nível com múltiplas dimensões, com possibilidades de retratar os diferentes personagens em diferentes situações em riqueza de detalhes sem perder o referencial maior do jornalismo: a multiplicidade dos discursos que permeiam os fatos dentro de um universo temático como a violência.

### Referências

ABRAMO, Perseu. 1996. *Padrões de manipulação da grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

BARCELLOS, Caco. 2004. *Abusado: o dono do morro da Santa Marta*. Rio de Janeiro: Record.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

LIMA, Edvaldo Pereira. 1995. *Páginas Ampliadas : o livro-reportagem como extensão do jornalismo*. Campinas: Unicamp.

MARCONDES FILHO, Ciro. 1999. Alice no país do vídeo-drome: de como os receptores foram tragados pela interatividade da comunicação eletrônica. In: *Novos Olhares*, São Paulo, número 4, Edusp.

ORLANDI, Eni. 1999. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. 1997. *As formas do silêncio: movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp.

\_\_\_\_\_. 2010. *Discurso e Políticas Públicas – A fabricação do consenso* (org.), Campinas: Editora RG.

RONDELLI, Elizabeth. 2000. *Linguagens de violência*. Rio de Janeiro: Rocco.

SODRÉ, Muniz. 2002. *Sociedade, Mídia e violência*. Rio de Janeiro: Sulina.

VENTURA, Zuenir. 1995. *Cidade Partida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

Data de Recebimento: 30/03/2011

Data de Aprovação: 05/09/2012

Para citar essa obra:

RODRIGUES, Felipe. O silêncio nos morros: relações de sentido silenciadas presentes nos livros Abusado e Cidade Partida. RUA [online]. 2012, no. 18. Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP - Brasil

**CEP** 13083-892

**Fone/ Fax:** (19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>